

CULTURA

LÍNGUAS

Tesouros em ruínas

Em um século, apenas uma décima parte dos seis mil idiomas existentes sobreviverá

GRAZIELLA BETING
de São Paulo

É difícil chegar a um consenso: alguns estudiosos trabalham com o número 6.500. Levantamentos recentes apontam 6.800. Para simplificar, muitos lingüistas estimam em seis mil as línguas faladas hoje no mundo inteiro. Todos concordam com uma previsão: no prazo de um século, só 10% delas sobreviverão. Com sua morte anunciada, muitas já entraram na categoria "ameaçadas de extinção" e lingüistas se armam para protegê-las. Mas enquanto algumas línguas agonizam com o envelhecimento de seus últimos falantes vivos, outras ganham força. Ao passo em que vão engolindo as menos faladas, aumentam as listas de alunos inscritos em escolas de idiomas e cursos universitários de letras.

Pensar que 90% das línguas estão moribundas pode parecer muito, mas não é tanto se for levado em conta o fato de que 96% de todas as línguas são faladas por apenas 4% dos habitantes do planeta. A Europa toda só fala 3% dessas seis mil línguas. Já a Papua-Nova Guiné faz uso de um sexto delas.

Que as línguas morrem, isso não é novidade. "Elas são entidades dinâmicas por natureza", diz a professora Silvana Serrani-Infante, do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Raro é encontrar idiomas que sobrevivam por mais de dois mil anos, como o basco, hebreu, grego ou chinês. O que é novo é a rapidez com que estão desaparecendo. Em países com muita língua e pouco falante, como a África, calcula-se que suma uma a cada duas semanas. Na média do planeta, são extintas dez a cada ano.

Em "A History of Languages", da Reaktion Books, o lingüista Steven Roger Fischer prevê que somente o espanhol, o chinês mandarim e o inglês — que estão entre as mais faladas em número de indivíduos —

têm força suficiente para tornar possível sua sobrevivência pelos próximos 300 anos.

Historicamente, culpa-se a colonização e o crescimento das nações-estado, com seus idiomas oficiais, pela eliminação das línguas. Hoje os vilões são outros. O professor Aryon Rodrigues, coordenador do Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília, enumera alguns: "Desenvolvimento tecnológico, comércio internacional e políticas globalizantes, que tendem a ser hegemônicas e, por isso, totalitárias, excludentes das minorias sociais e culturais."

É fácil saber se uma língua corre o risco de sumir. Segundo Aryon, isso acontece quando os pais, já bilíngües, não falam mais a língua nativa com seus filhos. Nesses casos, o diagnóstico é certo: em 50 anos, essa língua é enterrada, junto aos últimos pais dessa geração.

Há diferença entre a morte e a extinção de um idioma. "Línguas como o latim, sânscrito, grego clássico, hebraico bíblico, egípcio e tantas outras, que já não são mais faladas, mas se tornam conhecidas por documentos escritos no passado, são tradicionalmente chamadas línguas mortas, mas não extintas", explica Aryon Rodrigues. "Já a língua dos índios Goiás foi extinta, o povo foi exterminado antes de ter adquirido o conhecimento da escrita, e não se conhece sequer uma palavra dela."

Quando se perde uma língua, vai embora muito mais que o código de comunicação de seus falantes. A língua traz toda a história de sucessos e fracassos na sobrevivência de um povo. É fácil imaginar, por exemplo, que os índios, depois de séculos de observação, tivessem muito mais palavras, hoje desconhecidas, para descrever plantas e ervas amazôni-

cas que cientistas penam para identificar. "A perda acelerada da língua materna, sob forte pressão externa, leva à perda do conhecimento antes que haja um domínio suficiente de nova língua para efetivar a tradução", considera Rodrigues. "Não só o próprio povo perde esse conhecimento, mas também o perde toda a humanidade, que progressivamente vai ficando sujeita a um só tipo de conhecimento."

A preocupação com as línguas ameaçadas está correndo o mundo. Já existem programas de levantamento, pesquisa e preservação de línguas na Europa, América do Norte, Japão e Austrália. Algumas das instituições que se dedicam a isso: Unesco, Sociedades Lingüísticas Alemã e Americana, Sociedade para o Estudo das Línguas Indígenas das Américas e Fundação Volkswagen, na Alemanha. No Brasil, a situação é mais precária. "Os poucos lingüistas que estudam as línguas indígenas estão preocupados, tentando encaminhar as pesquisas para as línguas mais ameaçadas e procurando formar novos lingüistas motivados para isso, mas com limitado apoio institucional e quase nenhum financeiro", queixa-se Aryon.

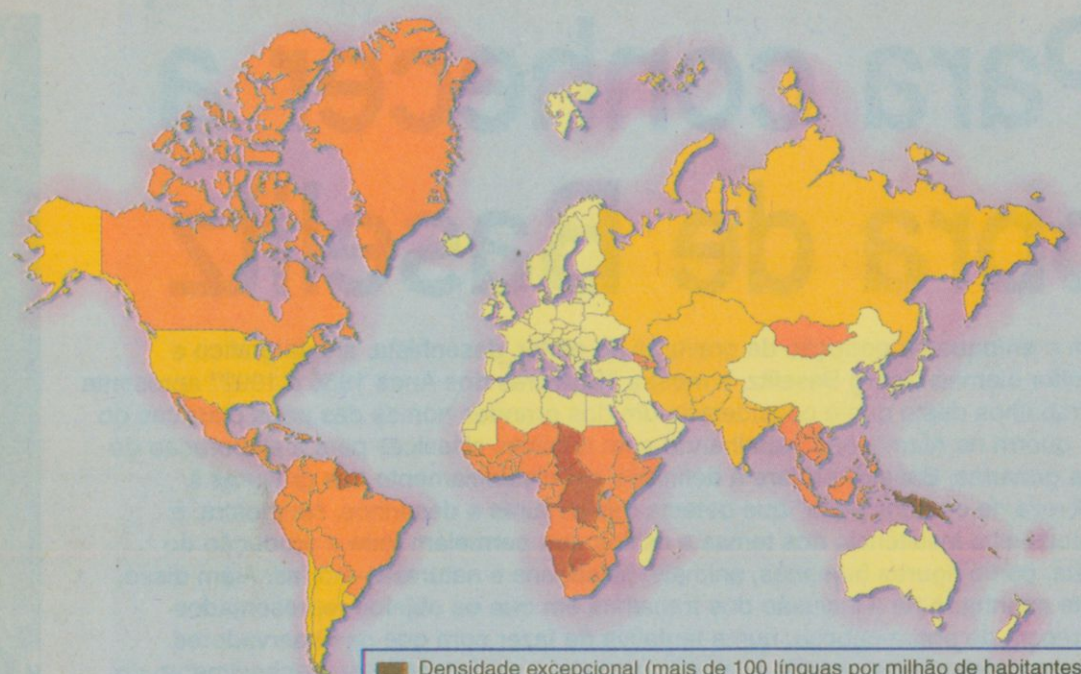
A preocupação desses pesquisadores, antropólogos e lingüistas é a de tentar registrar as línguas antes que elas sumam. Para isso, se embrenham na mata, munidos de um gravador e uma filmadora, atrás dos últimos falantes de uma língua. Gravam suas histórias e tentam traduzir, em linguagem escrita, o que estão ouvindo e vendo. O principal destino desses bancos de dados lingüísticos, quando saem dos laboratórios das universida-

A previsão é que só o espanhol, o mandarim e o inglês estarão vivos daqui a 300 anos

des, é a Internet. Esse trabalho se compara ao de um botânico que planta num vaso uma muda de uma espécie vegetal em extinção: não se sabe se ela sobreviverá, mas se a espécie desaparecer, pelo menos há um exemplo de sua existência.

O Brasil é um dos países que engorda a lista das línguas ameaçadas. Das 1.200 línguas indígenas que o país tinha em 1500, elas não passam hoje de 180, sendo que pelo menos 50 delas são faladas por menos de 100 pessoas. Segundo estudo da ONG Instituto Socioambiental, as línguas faladas pelos índios no Brasil dividem-se em dois grandes troncos, o tupi e o macro-jê, e 36 famílias. Só nove delas têm acima de cinco mil falantes. Muitos lingüistas acreditam que uma língua só sobrevive se for falada por pelo menos 100 mil pessoas.

Densidade lingüística no mundo



- Densidade excepcional (mais de 100 línguas por milhão de habitantes)
- Densidade muito alta (de 10 a 100 línguas por milhão de habitantes)
- Densidade alta (de 1 a 10 línguas por milhão de habitantes)
- Densidade média (de 1 a 10 milhões de falantes por grupo lingüístico)
- Densidade baixa (mais de 10 milhões de falantes por grupo lingüístico)

Fonte: Unesco

Uma pessoa que tem razões para desconfiar da morte de um idioma é o professor Eduardo Navarro, da Universidade de São Paulo. Ele leciona Tupi Antigo, disciplina que estava às moscas até ele lançar o livro "Método Moderno de Tupi Antigo", pela editora Vozes. Agora, sua aula é um sucesso, ele já foi a programas de televisão falar tupi e foi até à Paraíba ensinar aos índios a já esquecida língua de seus ancestrais.

Morrem algumas línguas, outras se fortalecem. A professora Samira Abirad Lunes, do Departamento de Letras da Universidade de São Paulo, dá aulas de Língua Francesa e é autora de livros e métodos de ensino de português para estrangeiros. Ela nota que a procura pelo aprendizado de línguas aumentou muito nos últimos anos. Os números da Fuvest reforçam essa análise: no último vestibular para o curso de Letras na USP, o número de inscrições foi de 6.990 — 8,17 candidatos por vaga. Em 1997, a procura tinha sido de quase metade: foram 3.595 inscrições, numa média de 4,41 candidatos por vaga. E a faculdade oferecia 41 vagas a menos do que hoje.

Na Unicamp, o exemplo não é muito diferente. A professora Silvana Serrani-Infante conta sua experiência: "21 anos atrás, quando coordenei a implantação do ensino do espanhol na Unicamp, as turmas lotavam com 20 alunos, mas não ficavam interessados sem vaga. Nos úl-

timos anos, temos 500 candidatos para preencher as 20 vagas oferecidas para cada turma."

Além do aumento na procura, Samira Abirad Lunes nota também uma mudança no papel que as línguas desempenham. Por exemplo: o francês, que já foi língua de comunicação, perdeu esse papel e agora assume outro, o de língua de cultura. "O mercado de línguas mudou. Agora as pessoas procuram o aprendizado das línguas por uma questão empresarial. Hoje em dia, um bom profissional, na visão do mercado, tem de saber no mínimo duas línguas, inglês e mais uma." A professora da Unicamp acha que o aumento do interesse pelo aprendizado de uma língua tem a ver com "as representações de prestígio socialmente construídas".

Silvana desenvolve projetos de promoção do plurilingüismo. Sobre o aumento na procura dos cursos de português para estrangeiros, Samira identifica uma mudança na política das empresas multinacionais que fincam suas bandeiras no Brasil. Agora, elas querem que seus funcionários, que vêm morar nas terras tupiniquins, aprendam o português. "Antes não havia essa preocupação", acredita.

Enquanto alguns lingüistas vão a campo à cata dos últimos falantes

vivos de algumas línguas, o diplomata e historiador Sérgio Corrêa da Costa fez outro tipo de levantamento. Por ter trabalhado a serviço do Itamaraty por muitos anos, vivendo em muitos países e aprendendo "uma porção de línguas", como ele diz, Corrêa da Costa pôde reunir, numa espécie de dicionário, as palavras que considera "sem fronteiras". São termos e expressões que saem de seus idiomas natais e aparecem em jornais, revistas e livros de várias partes do mundo, tornando seu uso universal. O diplomata foi coletando esses exemplos. Viu a expressão "check-up" aparecer, com o mesmo significado, em jornais italianos e brasileiros. O termo "fin-de-siècle" apareceu tanto no Herald Tribune quanto no "The New York Times". O autor chegou a 16 mil exemplos de uso — reunidos no livro "Palavras sem Fronteiras", da editora Record. Dessa forma, acabou respondendo à pergunta que Maurice Druon, da Academia Francesa, faz no prefácio do livro: "Tenderá a globalização a nos levar à uniformização, cuja consequência inelutável seria a esterilidade intelectual?" Com os exemplos mostrados pelo diplomata, conclui "que o tesouro da diversidade das línguas vai levar tempo para se esgotar". ■

As 1.200 línguas indígenas que o Brasil tinha em 1500 hoje não passam de 180